

Distanciamento e intimidade com o mundo* - 06/05/2015

Por que filósofo? Conforme Giannotti, o que busca o filósofo é um exercício de distanciamento e intimidade com o mundo, porque o filósofo visa o mundo, mas pelo olhar de outro filósofo. Quando o filósofo lê, consome uma filosofia, ele não a destrói, mas a perpetua; é de uma ideia, de uma filosofia que surgem novas ideias e novas filosofias. Ao mesmo tempo em que é um exercício autônomo é também dependente, porque é um exercício de transformação. Meio ao modo da noção de história hegeliana é a história de um espírito que se desenrola no tempo, não um espírito absoluto, mas um espírito encarnado que está no mundo em interação com outros pensantes. Assim é o professor quando leciona e cria: da atividade surgem novos pensamentos.

O exercício autônomo do livre pensar, mas dependente de outras leituras porque intermediando o acesso ao mundo que afasta e aproxima, esse exercício, assim colocado por Giannotti, é científico porque, segundo ele, apresenta um resultado objetivado. Nesse sentido, permite a análise por outra subjetividade que também o objetiva, apresentando esse caráter de perpetuação. E, mais do que nunca, hoje o filósofo é financiado pelo Estado. O filósofo acadêmico, ao mesmo tempo em que é funcionário do Estado com disciplinas e obrigações, ainda mantém certo caráter subversivo, mas muito mais reflexivo. E a ele muito se associa a imagem do professor aposentado, como o legislador de Rousseau - aquele que "ilumina" o povo, como o escritor proposto por Sartre - aquele que, de dentro da academia e dentro dos círculos cultos pode fazer a reflexão. Mas, menos do que nunca, independentemente, porque compromissado com os deveres que a produção dos ethos acadêmico exige.

Mas se a filosofia é o exercício da reflexão, Giannotti conclui o artigo indicando que o filósofo não deve se satisfazer apenas com o discurso: é preciso interação, diálogo, é preciso se aproximar da prática. É estimulando aquele movimento de intimidade e distanciamento nos outros que o filósofo poder se libertar e escapar da mão forte do Estado que o financia. É preciso ir a fundo à reflexão exatamente para se verificar até que ponto existe essa interferência ou não. A própria ciência, que se autoproclama neutra e autônoma, se vê às voltas de um exercício teórico e quase apartado da realidade, quase estéril no que tange a grandes inovações. O filósofo precisa ir além desses efeitos aparentes dados pela lógica competitiva do mercado onde é necessário produzir, do capital financeiro que estabelece prioridades e da mão paterna do Estado que afaga, mas submete. A consciência que o filósofo deve apresentar, segundo Giannotti, pode aparecer no uso de suas palavras e nas consequências que ele pode trazer aos jovens, ao mesmo tempo em que pode

se difundir pela sociedade de modo que suas reflexões diminuam as diferenças entre filósofos e não filósofos.

* Resenha – texto “Por que filósofo?” – José Arthur Giannotti